

## ENTREVISTAS

*um alpendre, várias salas diferentes, umas mais interiores, outras menos interiores, outras que precisam de luz zenital, outras que se abrem directamente para o exterior. Destacam-se quatro grandes espaços - um átrio principal, que é um espaço polivalente e três salas com características distintas, mas relacionadas entre si: a sala de exposições temporárias, que é a sala maior, com cerca de 100m<sup>2</sup>, de paredes de xisto, iluminada por uma clarabóia num dos cantos, é uma sala mais neutra; a sala da Memória, que é uma sala mais doméstica, com a presença da uma mesa, iluminada por um pátio de luz, lugar onde o museu recebe a população e onde se continuam as a constituir novas memórias; e a sala da Luz, que é realmente a sala principal do museu, que personifica o nome da "Luz", é um espaço completamente branco, aberto para um pátio de luz.*

*Nas paredes de xisto podem-se pendurar elementos expositivos, sobrepondo-os à textura da pedra, enquanto nas paredes brancas da sala da Luz, pode-se escrever na parede, como se se tratasse de uma página em branco, pronta para reescrever as múltiplas leituras dos territórios da Luz. As exposições inaugurais do museu, contavam, em síntese, os momentos mais significativos da história da aldeia da Luz: a relação com o território e a identidade de um povo ligada à cultura da terra, as relações com a paisagem, a arqueologia dos registos e marcas do território e a história de um lugar sagrado.*

*O museu produz também um corte muito claro com o terreno, consequência da sua posição geográfica: o facto de estar numa pendente a sul e poente em relação ao ponto mais alto, resulta num corte em "L"; portanto, a planta é também resultado do desnível que a topografia permite, cerca de 3,5m. É um edifício que se fecha a norte e a nascente e se abre a sul e a poente, evidenciando a estrutura "cardus-decumanos", Norte/Sul, como matriz fundacional.*

### MONTE DOS PÁSSAROS

O Monte é um dos espaços mais simbólicos do processo de humanização na paisagem alentejana, marcando e prolongando a expressão do tempo no espaço de habitar e no contexto cultural e geográfico. Sendo que o projecto incluía também uma intervenção no Monte dos Pássaros, de que forma este codifica a memória entre o tempo passado do lugar desaparecido e a identidade do lugar novo presente?

*Pedro P.: O monte dos Pássaros é um edifício bastante importante, pois é o único monte, mais próximo da antiga aldeia, que não foi destruído, por isso tem uma forte carga simbólica. Era um monte complementar ao monte da Charneca, portanto, um irmão menor. Desempenhava funções específicas ligadas mais ao pastoreio, onde viveria uma família, sendo que o monte da Charneca teria mais as funções associadas à grande produção.*

*Este monte interessava-nos de alguma forma, porque contava-nos uma história do que é a vida no campo e a importância desta unidade tipológica. O aparecimento deste edifício não foi linear. O facto de inicialmente não haver um espólio concreto, levou a pensar na possibilidade do museu adquirir um espaço anexo para funcionar como reserva e arquivo. Entretanto o espólio foi sendo constituído ao longo da construção do museu, sob a orientação do museólogo Benjamim Pereira e com a ajuda da população da Luz, tornando-se em material fundamental para a definição das bases programáticas do museu e das suas exposições inaugurais. Quando concebemos o espaço do*

*museu, não estávamos a responder especificamente à exposição de determinados artefactos, mas sim a uma ideia que podia incorporar uma série de outras lógicas museográficas. Assim, desde início, tornou-se necessário pensar num armazém complementar ao museu, onde poderíamos guardar todo material de carácter etnográfico. Não deveria ser o espaço do museu a resolver a questão da armazenagem de peças de grande porte, como alfaias agrícolas, ou carros de bois. Queríamos antes que o museu tivesse uma relação de maior simbiose com a paisagem. Inicialmente destinou-se um armazém da aldeia para albergar este espólio, mas com a evolução do projecto, o monte dos Pássaros, que durante a obra funcionou como estaleiro, tornou-se no lugar com as melhores características para receber o espólio etnográfico do museu. À medida que o Benjamim Pereira foi constituindo este espólio etnográfico, com a colaboração da população da Luz e de uma equipa multidisciplinar, andando de porta em porta recolhendo artefactos que contavam histórias da aldeia, através das suas práticas e gentes, chegámos à conclusão que fazia todo o sentido que este arquivo etnográfico estivesse num lugar agrícola, o monte dos Pássaros.*

*Esta ideia foi muito bem recebida e a partir daí começou-se também a pensar numa ideia de rede com vários núcleos, com o museu como epicentro estratégico. Essa rede passou a ser o museu, o monte dos Pássaros, a igreja da Luz, o sítio arqueológico Júlio 24 (ruína romana) e mais tarde, o monte da Júlio, as residências da aldeia da Luz e o cais do museu. Surge então o projeto para a reserva etnográfica do museu da Luz, a instalar no monte dos Pássaros, a partir da ideia de que os montes são organismos que crescem há medida das necessidades. Pareceu-nos que podia ser uma lógica mais adequada pensarmos no crescimento deste monte, já que era uma peça que parecia estar incompleta. O novo edifício surge como muitos outros, como um casão que se acrescenta ao edifício pré-existente, criando uma forte dualidade entre novo e velho. O projeto era interessante porque levava mais longe esse diálogo tipológico, formal, funcional e tecnológico - a tecnologia tradicional da taipa versus a tecnologia do betão. Depois, por razões processuais, este edifício não foi realizado, apenas o monte foi reabilitado. Estamos num raio bastante próximo da albufeira o que inviabiliza uma construção nova e o projeto basicamente não passou na Câmara de Mourão. Entretanto, coincidiu também com uma altura de dificuldades financeiras, que levou a um enfraquecimento de toda a política cultural e todos os financiamentos começaram a ser canalizados para a conclusão do sistema de regadio, portanto, uma série de projetos não foram realizados.*

*Há ideias que se perdem, mas há também outras que se conquistam. Um dos aspectos principais da proposta para o monte dos Pássaros era a extensão para uma ideia de rede, associada ao museu da Luz, na altura influenciada por uma visita que fiz em 1998 à Fundação Chinati e Donald Judd em Marfa, no Texas, que trata a ideia de núcleo museológico como "site specific", tirando partido das próprias arquitecturas locais. Não é um programa exclusivo, mas antes inclusivo, activando relações com a população local.*

*Assim, criar um programa que tivesse a ver com as festas sazonais, com a ideia de "casa aberta", onde se poderiam juntar cultura erudita e cultura popular, gerando um momento de sociabilização. Desde a primeira memória descritiva do projeto, esta ideia já estava expressa de forma muito clara e agora é uma realidade, portanto, o monte dos Pássaros tornou-se complementar do museu, como atelier de artista, espaço*